

## **O Marxismo e a Epidemiologia Crítica: Uma Análise das Relações entre Economia, Saúde e Capitalismo - "Perspectivas de Montenegro e Breilh"**

### **Marxism and Critical Epidemiology: An Analysis of the Relations between Economy, Health and Capitalism - "Perspectives from Montenegro and Breilh"**

### **Marxismo y Epidemiología Crítica: Un Análisis de las Relaciones entre Economía, Salud y Capitalismo - "Perspectivas de Montenegro y Breilh"**

#### **Resumo**

Este ensaio acadêmico analisa o pensamento econômico marxista e sua relação com a saúde, tendo como base as obras de Walter Montenegro Soria e Jaime Breilh. Montenegro explora o marxismo como um método de análise político-econômica, enquanto Breilh examina a epidemiologia como um instrumento do projeto capitalista. Ambos os autores reconhecem a importância das condições materiais na saúde e nas desigualdades sociais. Montenegro destaca que a sociedade e as condições materiais atuais são diferentes do contexto de Marx, justificando as variações nas correntes marxistas e a necessidade de adequação das práticas combativas ao capitalismo. Breilh enfatiza a necessidade de uma abordagem política e social para a saúde, considerando as influências do capitalismo e das políticas neoliberais nas desigualdades. O ensaio aponta para a necessidade de ações políticas para uma saúde emancipadora que passe por uma análise marxista clássica e por uma avaliação econômica, política e social. **Palavras-chave:** marxismo, saúde, epidemiologia, capitalismo, economia política. Código JEL: I18, P16

#### **Abstract**

This academic essay analyzes Marxist economic thoughts and its relationship to health, drawing on the works of Walter Montenegro Soria and Jaime Breilh. Montenegro explores Marxism as a method of political-economic analysis, while Breilh examines epidemiology as an instrument of the capitalist project. Both authors recognize the importance of material conditions in health and social inequalities. Montenegro emphasizes that today's society and material conditions are different from Marx's context, justifying the variations in Marxist currents. Breilh emphasizes the need for a political and social approach to health, considering the influences of capitalism and neoliberal policies on inequalities. The essay concludes the need for political actions for an emancipatory health that goes through a classic Marxist analysis and an economic, political and social evaluation.

**Keywords:** Marxism, health, epidemiology, capitalism, political economy. JEL Code: I18, P16

#### **Resumen**

Este ensayo académico analiza el pensamiento económico marxista y su relación con la salud, basándose en las obras de Walter Montenegro Soria y

Jaime Breilh. Montenegro explora el marxismo como método de análisis político-económico, mientras que Breilh examina la epidemiología como instrumento del proyecto capitalista. Ambos autores reconocen la importancia de las condiciones materiales en la salud y las desigualdades sociales. Montenegro subraya que la sociedad actual y las condiciones materiales son diferentes del contexto de Marx, lo que justifica las variaciones de las corrientes marxistas. Breilh subraya la necesidad de un enfoque político y social de la salud, considerando las influencias del capitalismo y de las políticas neoliberales en las desigualdades. El ensayo concluye la necesidad de acciones políticas para una salud emancipatoria que pasa por un análisis marxista clásico y una evaluación económica, política y social.

**Palabras clave:** marxismo, salud, epidemiología, capitalismo, economía política.  
Código JEL: I18, P16

### **Introdução**

A partir da Revolução Industrial, no século XVIII, com a transição do método de produção manual para o industrial, ocorreram intensas transformações socioeconômicas. Uma das mudanças notáveis foi o processo acelerado de urbanização das cidades do século, que evoluíram em uma nova configuração do modo de vida dos trabalhadores nos centros industriais.<sup>1</sup>

Ao mesmo tempo, o Capitalismo surgido no século XVIII é um modelo econômico e social baseado na propriedade privada dos meios de produção e na busca incessante pelo lucro, tornando-se a forma hegemônica de organização socioeconômica no mundo atualmente.<sup>2</sup>

No estudo do capitalismo, existe uma corrente crítica de pensamento conhecida como "Marxismo", elaborado pelo filósofo alemão Karl Marx em sua obra intitulada "O Capital", em 1867, e que se trata de um método de análise político-econômica.<sup>2</sup> Nessa obra, Marx expõe as contradições do capitalismo e suas consequências sociais para a sociedade. Ele argumentou que, dentro desse sistema, a burguesia abriga os meios de produção e explora o proletariado ao pagar a eles um salário inferior ao valor agregado ao seu produto. Essa desproporção, conhecida como "mais-valia", é a base do lucro capitalista e a principal fonte de desigualdade social.<sup>2</sup>

Essa exploração resultou no adoecimento dos trabalhadores, tornando-se essencial compreender as razões por trás desse cenário para manter a força de trabalho produtiva, garantindo a perpetuação da apropriação do lucro pelos capitalistas.<sup>1</sup> Vários cientistas, então, investigaram as causas das enfermidades,

buscando relações causais diretas para o controle e erradicação das doenças. Entretanto, poucas vertentes do pensamento analisavam o contexto social que envolvia esse adoecimento. Foi assim que surgiu a epidemiologia, uma ciência que se propunha a estudar a distribuição das doenças e os fatores determinantes e condicionantes delas.<sup>1</sup>

Conforme o pensamento capitalista avançava, a epidemiologia se aproximava cada vez mais das relações matemáticas e unicasais, desenvolvendo-se nos campos da estatística e da análise quantitativa dos fenômenos. Isso levou à criação de modelos que apontavam numericamente a distribuição das manifestações de sobrevivência do ser humano, de acordo com as condições urbanas e sanitárias.<sup>1</sup>

Dois autores latino-americanos exploram esses temas à luz do pensamento econômico marxista: Walter Montenegro em seu livro *“Introducción a las doctrinas político-económicas”* (1982) aborda a interdependência entre a economia, o Estado, a coletividade e o indivíduo sob diferentes contextos políticos e sociais.<sup>2</sup> Por sua vez, Jaime Breilh apresenta um panorama crítico e histórico da compreensão e análise dos processos de saúde-doença em diferentes épocas em seu livro *“Epidemiología: economía medicina y política”* (1986).<sup>1</sup>

Para melhor compreender as relações entre economia, saúde, capitalismo e epidemiologia nos dias atuais, podemos nos basear na obra desses autores. Na obra de Montenegro, iremos centralizar nossa análise no capítulo sobre o Marxismo (capítulo VII, págs. 146-170),<sup>2</sup> enquanto na obra de Breilh, nossa abordagem estará no capítulo intitulado *“Los Modelos Epidemiológicos como Recurso del Proyecto Capitalista”* (cap. II, págs. 71-125),<sup>1</sup> considerando que o capitalismo é o sistema socioeconômico preponderante da sociedade atual e no período em que as obras foram escritas.

Dessa forma, este trabalho tem por finalidade apresentar esses autores, buscar suas principais contribuições para o pensamento econômico e o desenvolvimento em Saúde, correlacionar suas análises considerando suas temáticas específicas e extrair um parecer sobre as similaridades e divergências dos pensamentos, bem como refletir sobre suas ideias isoladas. Por fim, espera-

se que o ensaio contribua para a ação política concreta e pesquisas futuras sobre o pensamento econômico marxista e suas aplicações no setor saúde.

### **Desenvolvimento/ Embasamento teórico**

O embasamento teórico deste ensaio acadêmico é fundamentado no pensamento de dois autores proeminentes: Walter Montenegro Soria e Jaime Breilh.

Walter Montenegro Soria, nascido em Cochabamba, Bolívia, em 1912, foi advogado de formação e exerceu atividades como escritor, jornalista e diplomata. Faleceu em 1991, na capital boliviana, *La Paz*.<sup>3</sup> Além de seu diploma em Direito, Montenegro também se formou em Ciências e Letras no Colégio Nacional Sucre.<sup>4</sup> Durante sua carreira, teve um papel destacado na diplomacia boliviana, representando o país em missões em Cingapura, Japão e Peru, e atuou como Ministro da Cultura e Informação em 1969. Como jornalista, ele manteve a coluna '*Mirador*', assinada sob o pseudônimo '*Buenavista*'. Saturnino Rodrigo o descreve como um verdadeiro artista, não só na escrita, mas também como um músico delicado e requintado, apaixonado por violino e intérprete habilidoso da música indígena. Em suas histórias, ele evitava frases bombásticas, optando por imagens ousadas que deslizavam suavemente, embora transmitissem lutas corporais e angústia das almas.<sup>3</sup> Entre suas obras literárias de destaque estão os livros "*Introducción a las doctrinas político-económicas*" (1956), "*Oportunidades perdidas: Bolivia y el mar*" (1987) e "*Introducción a las doctrinas político-económicas*" (1982).<sup>3,4</sup>

Em seu trabalho "*Introducción a las doutrinas político-econômicas*", o autor aborda o pensamento econômico, iniciando com a definição do método marxista como um de análise político-econômica que se origina da ideia de comunicação da propriedade e do fim da propriedade privada.<sup>2</sup>

Jaime Breilh, nascido em Quito, no Equador, em 1947, é médico epidemiologista e mestre em Medicina Social.<sup>5,6</sup> Atualmente, é professor e reitor da *Universidad Andina Simón Bolívar*, campus Equador, lecionando disciplinas como epidemiologia crítica, oficina de tese, saúde, doença, cosmovisões e energias. Além disso, atua como professor em outros países da América Latina, incluindo a *Universidad de El Salvador*, Argentina; Universidade Central do

Equador (UCE); Universidade do Estado do Rio de Janeiro; Escola Nacional de Saúde Pública da Fiocruz e Universidade de Manizales, Colômbia.<sup>7</sup> Breilh é reconhecido como um cientista pioneiro na discussão crítica sobre epidemiologia, explorando o modo como o capitalismo interfere e aprofunda as desigualdades sociais, impactando a saúde da população. Desde a década de 1970, ele já estava abordando o tema da prosperidade social da saúde, muito antes de a Organização Mundial da Saúde começar a tratar do assunto. Entre suas obras estão "*Epidemiologia: economia medicina y política*" (1986), "*Epidemiologia crítica: ciência emancipadora e interculturalidade*" (2003), "*Reforma en salud: lo privado o lo solidario*" (1997) e "*El género entrefuegos: inequidad y esperanza*" (1996).<sup>5,7</sup>

Esses dois autores são referências basilares para a análise crítica dos alunos do curso de Especialização em Economia da Saúde e Gestão da Faculdade de Saúde da Universidade de São Paulo.

#### *Walter Montenegro:*

Montenegro aborda, em seu texto, conceitos e questionamentos que, a posteriori, se tornam base para seu pensamento econômico.

Inicialmente, o autor considera marxismo e o socialismo científico como expressões sinônimas, diferenciando-nas do socialismo utópico porque aquelas são uma teoria política formulada dentro do método científico, sendo este fundamentado na economia.<sup>2</sup> Ao mesmo tempo, analisa o marxismo como um método de análise político-econômico idealizado pelo próprio Marx, enquanto o conceito de comunismo se referiria à origem histórica que remonta à ideia do fim da propriedade privada. Ato contínuo, o comunismo leninista seria baseado na construção um programa de ação política à luz da crítica ao capitalismo feita por Marx.<sup>2</sup>

Montenegro continua sua explanação questionando se é possível ser “parcialmente marxista”. Segundo os marxistas ortodoxos e os críticos do marxismo, esta não seria uma premissa possível. Eles argumentam que a base do marxismo é integral e não pode ser fragmentada, assim como um edifício precisa de suas bases para ser construído. No entanto, de acordo com o autor boliviano, é importante considerar que a sociedade atual difere

significativamente do contexto em que Marx desenvolveu suas análises críticas. Por isso, a teoria política de Marx pode ser compreendida em diversas correntes.<sup>2</sup> Uma analogia interessante apontada pelo autor é aquela acerca das bases de um edifício, as quais seriam ajustadas conforme o contexto (tamanho da construção, disponibilidade de materiais, recursos disponíveis), portanto, não seria factível imaginar que as fundações do edifício seriam sempre as mesmas, independente da conjuntura: *“materiales políticos, económicos y sociales del mundo contemporáneo son muy diferentes y mucho más elásticos que los que consciuían la estructura del mundo analizado por Marx”*.<sup>2( 147)</sup>

O que reforça esta visão é a vitalidade, considerada uma prova suprema da validade de uma teoria política, o que é evidente nas diversas correntes fragmentárias do marxismo existentes e atuantes até os dias de hoje. Como citado anteriormente, o marxismo se baseia na economia, campo em que é possível fazer aplicações do método científico em situações que atendem precisão e objetividade.<sup>2</sup>

A composição da teoria marxista parte da análise de “O Capital”, que revela que todas as fórmulas econômicas conduzem direta ou indiretamente para conclusões de ordem política<sup>2</sup>. Para tanto, o Montenegro aponta que os pilares fundamentais da teoria marxista são:<sup>2</sup>

- Dialética marxista: baseada no preceito de tese-antítese-síntese, a dialética marxista se contrapõe à teoria hegeliana. Aqui, a ideia é que o mundo real é refletido pela mente humana, o oposto da dialética de Hegel.<sup>2</sup>
- Materialismo histórico: os fatores materiais do desenvolvimento econômico-social são os determinantes do que ocorre no presente e no futuro. A infraestrutura da sociedade, neste conceito, é a economia, enquanto a “superestrutura” é composta por mecanismos éticos, jurídicos, culturais e religiosos. Apesar da relação entre infraestrutura e superestrutura poder se tornar tão íntima a ponto de se perder a noção de causa e efeito, a tese proposta por Marx é que a economia sempre foi a causa. A teoria marxista ainda relata que o materialismo histórico parte da ideia de que a produção e sua distribuição são a base de toda ordem social.<sup>2</sup>

- Luta de classes, internacionalismo e imperialismo: diferenciadas por suas condições econômicas, as classes sociais são os aspectos ativos através dos quais se cumpre o processo dialético do materialismo histórico, justificando seus períodos de crescimento, desenvolvimento e decadência. As guerras entre nações são produtos das lutas de classes travadas além das fronteiras, quando o capitalismo adquire características colonialistas e imperialistas. Para Marx, as classes sociais são a única distinção entre os homens, conferindo caráter internacionalista para sua teoria e, logo, excluindo fatores nacionais. O imperialismo, por sua vez, é um produto das lutas de classes estendidas além das fronteiras das nações, de onde surge a concepção de colônias. Como exemplo, as nações sul-americanas com grande contingente de indígenas passaram por revoluções liberais no século XIX - isto é, sem romper com o modelo capitalista. Neste processo, houve transferência de poder político e econômico para outras classes dominantes, mas não para a classe trabalhadora.<sup>2</sup>
- Valor-trabalho: o valor é uma simples cristalização do trabalho humano, indo além do valor-utilidade e do valor-de-troca. É medido em unidades de tempo socialmente necessárias.<sup>2</sup> Singer reforça esta visão ao afirmar que o valor advém da divisão social do trabalho, da atividade coletiva conjunta dos membros da sociedade.<sup>8</sup> Em contraposição ao valor-trabalho, existem conceitos subjetivos, como o valor-utilidade.<sup>2</sup>
- Mais-valia e salários: aqui, o tempo socialmente necessário é equivalente ao salário de subsistência do trabalhador, ou seja, a relação entre o salário pago pelo empresário aos trabalhadores e o valor do trabalho realizado. Mais-valia é o trabalho não pago, que é fundamental para o lucro da empresa capitalista. Em outras palavras, a mais-valia é percebida através do aumento do acúmulo do empresário, diretamente relacionado ao número de trabalhadores que ele emprega e à relação entre o trabalho não pago.<sup>2</sup>
- Concentração de capitais: por exemplo, os monopólios industriais em que os setores industriais e, por consequência o capital, são concentrados em um número reduzido de pessoas.<sup>2</sup>

Através das explicações do seu método dialético, a conclusão política de Marx é de que os elementos do capitalismo o levarão, invariavelmente, ao seu final. Montenegro afirma que o pensamento econômico marxista seria que, a princípio, ocorreria um aumento da demanda do trabalho e, conseqüentemente, redução da mais-valia. Isto geraria absorção das pequenas empresas pelas grandes e uma posterior recuperação econômica com grandes dificuldades. Como consequência, haveria a formação de uma classe trabalhadora cada vez maior e mais miserável, a qual revoltar-se-ia contra o modelo hegemônico, levando à ditadura do proletariado. Invariavelmente, esta seria a base para a formação de uma sociedade sem classes. Em suma, a dialética marxista parte de uma tese (capitalismo), uma antítese (suas próprias contradições) e uma síntese (sociedade do futuro).<sup>2</sup>

Após explanar o marxismo e seus fundamentos, Montenegro os utiliza como base para seu pensamento econômico. O autor afirma que o socialismo incorporou o elemento da necessidade e angústia humana às fórmulas utilizadas para analisar o fenômeno econômico, o que até então não havia ocorrido no capitalismo do século XIX. Tal constatação se associa aos pilares de luta de classes, mais-valia e concentração de capitais.<sup>2</sup>

Todavia, a crítica de Montenegro aponta que Marx contemplava um capitalismo diferente do que temos hoje - o de sua época, no século XIX, aparentemente havia alcançado um ponto de saturação. Desde então, novos mercados, necessidades e tecnologias criaram âmbitos de criatividade, prosperidade e trabalho. Essa expansão capitalista é um dos fatores que fez falhar, pelo menos em suas conseqüências imediatas, a previsão marxista contida em sua síntese dialética.<sup>2</sup>

Ademais, o proletariado contemporâneo é muito diferente dos tempos de Marx. O salário deixou de conter apenas o essencial para mantê-lo vivo, ao mesmo tempo que houve a criação de forças sindicais, aspectos que fizeram com que, especialmente nos países de capitalismo central, o proletariado ainda perdesse a consciência de classe para dar lugar a uma consciência de classe média, uma consciência burguesa. Além disso, outros fatores, como a redução



das margens de lucro diante da taxaço estatal, mudaram as leis da dinâmica capitalista e passaram a amortizar suas contradi es inerentes.<sup>2</sup>

O autor também indica que a visão de Marx, o qual considerava os governos um instrumento da classe dominante, não faz sentido desde que a classe trabalhadora passou a ter acesso direto e indireto aos governos sem necessidade de violência, a ponto de haver cria o de leis favoráveis ao proletariado e repressivas ao capital.<sup>2</sup>

Finalmente, a classe dominante também não   a mesma que Marx conheceu. Os capitalistas fizeram concessões para que a predi o de Marx não se cumprisse, geralmente mais por instinto de conserva o do que por generosidade.<sup>2</sup>

Diante destas informa es, Montenegro conclui que ou a predi o de Marx não se cumpriu, ou se cumpriu pelo fato de que o capitalismo liberal “puro” não existe mais. O autor reporta que as interpreta es doutrinárias do marxismo são constantemente chamadas de desviacionistas e de cúmplices do capitalismo e do imperialismo, mas que essas são críticas não condizentes com a vitalidade de diversas correntes socialistas e com as condi es materiais diferentes daquelas existentes na época de Marx.<sup>2</sup>

#### *Jaime Breilh:*

A epidemiologia   o entendimento de como a ciência   capaz de capturar a essência dos fen menos pertinentes   a o coletiva de saúde, tendo como elementos constitutivos: ciência, conceito, metodologia e prática. Ela também desempenha um papel fundamental na elabora o de esquemas de periodiza o durante os períodos de capitalismo hegemônico.<sup>1</sup> Com a ascensão de um projeto produtivo histórico dominante, surgem também diferentes modelos médicos. No período de industrializa o, por exemplo, ocorreu a transi o do regime absolutista para a revolu o industrial, com predominância do modelo epidemiológico de “polícia médica”; enquanto o estágio de capitalismo monopolista convive com uma tendência de medicina científica.<sup>1</sup>

Neste texto, discutiremos os pontos-chave entre o trabalho epidemiológico e o Estado capitalista, conforme discutido por Breilh:

- Enfoque coletivo: implementação de medidas sanitárias relacionadas à urbanização capitalista e à melhoria do meio ambiente em torno das fábricas, visando diretamente o benefício produtivo (com tendências autoritárias e liberais).<sup>1</sup>
- Mecanização industrial: criada da ciência e tecnologia como forças produtivas autônomas.<sup>1</sup>
- Explosão da ganância: prolongamento da jornada de trabalho para aumentar a produtividade (mais-valia absoluta) e preocupação severa da força de trabalho (incluindo crianças e mulheres). Processo de urbanização acelerado. Controle legislativo para estabelecer novos padrões de vida e de produção.<sup>1</sup>
- Movimentos sociais: Marx provou que, na manufatura, o princípio da divisão do trabalho era subjetivo, ou seja, o processo teve que se adequar aos tempos e à capacidade dos trabalhadores e a ordem veio de imposição externa. Por outro lado, nas grandes indústrias, são as máquinas que impõem seu princípio de organização do processo.<sup>1</sup>
- Medicina científica: capitalismo monopolista (com foco em hospitais, institutos de pesquisa e laboratórios). Presença de cartéis corporativos: movimento para limitar a jornada de trabalho e aumentar a produtividade.<sup>1</sup> Investigação da fisiologia em relação à eficiência corporal e à rápida recuperação da força de trabalho doente. Avanço tecnológico e aumento da condição orgânica de capital e volume por meio das unidades médias de produção.<sup>1</sup>
- Consolidação do 'trabalho coletivo': No capitalismo monopolista, ocorreu a formação das primeiras corporações e, posteriormente, de cartéis industriais e bancários. A monopolização dos recursos de produção permitiu um avanço significativo na composição da estrutura orgânica de capital e no aumento do volume médio de unidades de produção. Também foi observado um início agudo das lutas dos trabalhadores em busca da redução da jornada de trabalho e da necessidade de medidas legais.<sup>1</sup>

Para melhor compreensão desse período, o autor cita o Laboratório de Fadiga de Harvard que foi inaugurado em 1927 na Escola de Administração, elaborado com o objetivo de realizar pesquisas médicas sobre empreendimentos industriais, utilizando recursos modernos para estudar o chamado ‘homem normal’. Lawrence Henderson foi o responsável pela criação desse laboratório, baseado na teoria sociológica do engenheiro Vilfredo Pareto, que defendeu a ideia de equilíbrio dos temas sociais.<sup>1</sup>

Os objetivos do laboratório incluíam o estudo dos riscos industriais e processos relacionados à química sanguínea, fisiologia do trabalho e síndrome da fadiga. Um dos projetos mais importantes foi o estudo da capacidade pulmonar de mineiros chilenos a 5.340 metros acima do nível do mar e seu potencial adaptativo frente à fadiga.<sup>1</sup>

Após a conclusão de alguns projetos, as diretrizes de Harvard foram forçadas às Instituições de Saúde, introduzindo os princípios da Reforma de Flexner, reduzindo a tendência médica a uma visão clínico-individual. Assim, uma nova era para a medicina se consolidou, rompendo com o contexto social e abrindo um longo período de predominância biológica e científica.<sup>1</sup>

O modelo científico-hospitalar alcançou sua máxima articulação com as necessidades do modo de produção capitalista por meio dos grandes hospitais de Seguridade Social, absorvendo igualmente as demandas dos trabalhadores por melhores condições de saúde e os requisitos de capital para reparar sua força de trabalho lesada, utilizando instrumentos de conciliação.<sup>1</sup>

Durante as crises do imperialismo nos anos 1960, ocorreram repercussões políticas na América Latina, incluindo crise fiscal, concentração de poder pelo Estado, crise agrícola, desemprego e subemprego massivos, e alto grau de consciência política popular. Esse contexto gera uma “abertura social” para fatores multicausais na concepção epidemiológica, o que dá origem à medicina comunitária (a nova polícia médica). Não obstante pareça um avanço importante, Breilh realiza sua crítica sobre este período e tendência médica da seguinte forma:<sup>1</sup>

*Nuestras estructuras socio-políticas amplios rasgos pre-capitalistas, bajo desarrollo de su capacidad productiva, con una organización capitalista dependiente y un movimiento popular atrapado en esquemas populistas, possibilitaron la penetración casi irrestricta de los*

*generosos hermanos del norte con su capitalismo plenamente consolidado.*<sup>1( 99)</sup>

No final do século XIX, a expansão imperialista das potências europeias e EUA rumo a regiões tropicais da Ásia, África e América Latina impulsionou ainda mais o cientificismo médico. A busca por matérias-primas e produtos para exportação agrícola, bem como a construção de vias de acesso, levou à distribuição desenfreada de elementos naturais incentivados à geração de doenças infecciosas.<sup>1</sup>

Com o respaldo técnico e financeiro dos grandes monopólios, foram protegidas escolas e institutos de estudo microbiológico para investigação de doenças infecciosas tropicais. A premissa oculta desse tipo de desenvolvimento da medicina é que as agressões ao homem por supostas causas naturais exoneram uma organização social dominante de toda a responsabilidade. Além disso, cientistas experientes foram incluídos no projeto burguês para acelerar o processo de produção científica.<sup>1</sup>

Novamente, a dialética entre ciência e ideologia se mostrava no desenvolvimento do conhecimento e da técnica, colocando-os contraditoriamente a serviço do regime capitalista, com foco na lucratividade por meio da maior produtividade da história, mas com maior capacidade de deteriorar o recurso fundamental, que é a própria força de trabalho humana.<sup>1</sup> O pensamento crítico sobre a epidemiologia envolve o enfrentamento de concepções epidemiológicas, de acordo com o projeto social burguês e o contexto histórico.<sup>1</sup>

Na linha de pensamento Virchowiana *versus* Contagionista, os conflitos sociais e ideológicos influenciam as correntes de pensamento epidemiológico nas formações coloniais da América Latina. Durante os inícios do desenvolvimento capitalista, ocorrem flutuações do papel da epidemiologia, com acentuação da exploração das massas trabalhadoras devido ao baixo nível de produção em todos os ramos.<sup>1</sup>

Epidemiologistas como Salomón Newman, Rudolf Leubuscher e Virchow encabeçaram um movimento na fase de transição revolucionária, fundamentado nos princípios de que a saúde das pessoas é uma questão de interesse de toda a sociedade e que as condições e sociais têm um grande efeito sobre a saúde e

a doença, argumentando que essas relações devem ser observadas à investigação científica.<sup>1</sup>

Em suas conclusões, ao recepcionar o pensamento econômico marxista, Breilh destaca a saúde como resultante das condições de vida do trabalho e situada como totalizante e histórica. Sua tese principal é que os modelos epidemiológicos atuam como instrumento de dominação racional capitalista.<sup>1</sup>

Ainda em seu livro *"Epidemiologia: economia medicina y politica"*, o autor aborda a relação entre a epidemiologia, a economia e a política. Breilh apresenta uma análise crítica e multidisciplinar de determinantes das desigualdades na saúde e nas áreas sociais, muito antes da Organização Mundial da Saúde (OMS) começar a discutir epidemiologia e os determinantes sociais.<sup>1</sup>

Breilh analisa a forma como pontos-chaves influenciam os padrões de saúde e doença de uma população, a exemplo dos fatores econômicos e políticos. Ainda, ele destaca como a alocação desigual de recursos econômicos, acesso a serviços de saúde e políticas públicas podem afetar a saúde de diferentes grupos populacionais. O autor defende que a saúde é resultado de uma série de fatores que vão além das características individuais, isto é, trata-se de um fenômeno multifatorial e complexo.<sup>1</sup>

O autor equatoriano também defende a epidemiologia como uma ferramenta para conhecimento e abordagem dos problemas de saúde em nível populacional. Ele aborda os métodos e conceitos-chave da epidemiologia e como eles podem ser aplicados na identificação dos determinantes sociais da saúde e desenvolvimento de estratégias de intervenção eficientes.<sup>1</sup>

Além disso, Breilh faz uma análise sobre o papel dos sistemas econômicos e políticos na qualidade da saúde da população. Sua análise percorre o impacto das políticas neoliberais, globalização e desigualdades econômicas na saúde pública. O professor equatoriano também defende a necessidade de uma abordagem política e social voltada para a saúde, levando em consideração as diferenças sociais e promovendo a equidade no acesso aos serviços de saúde e alocação de recursos.<sup>1</sup>

Portanto, no livro *"Epidemiologia: economia medicina y politica"*, Jaime Breilh traz uma visão diferente da saúde - não como um fenômeno puramente biológico, mas sim destacando a importância das estruturas econômicas e

políticas na determinação dos padrões de saúde e doença e quanto o enfoque puramente capitalismo incentiva a continuidade das desigualdades.<sup>1</sup>

### **Considerações finais**

Ambos os autores abordados neste trabalho recepcionam um pensamento econômico marxista, já que se baseiam em pilares fundamentais desta teoria para suas proposições. Ao passo que Montenegro procura compreender as interpretações doutrinárias do marxismo como pertencente também a esta corrente científica por tratarem do socialismo científico em condições materiais e sociais diferentes daquelas vividas por Marx, Breilh utiliza a epidemiologia como instrumento de periodização da saúde nos diferentes momentos hegemônicos capitalistas, referindo que esta ciência se trata de uma ferramenta de dominação racional do próprio capitalismo. Mesmo que autor boliviano não desenvolva um pensamento especificamente sobre o setor saúde, é possível estabelecer uma relação com a abordagem de Breilh, especialmente do ponto de vista do materialismo histórico e das relações imperialistas dos países de capitalismo central com a América do Sul.<sup>1,2</sup>

Segundo Montenegro, o marxismo é um método de análise político-econômico que se baseia em aspectos como valor-trabalho, mais-valia e lutas de classes, sempre de acordo com os preceitos da dialética marxista. O escritor boliviano aborda o socialismo científico e suas derivações conforme as transformações das condições materiais e de seus agentes políticos. De acordo com sua análise, nem a classe dominante, o proletariado, o Estado e nem sequer o capitalismo são os mesmos do tempo de Marx, o que justificaria a falha - pelo menos em consequências imediatas - da previsão de fim deste modo de produção mediante seus próprios elementos.<sup>2</sup>

Por sua vez, Breilh analisa os modelos epidemiológicos como recursos do processo capitalista. O uso da epidemiologia se deve ao fato de ser uma ciência capaz de captar os fenômenos pertinentes à ação coletiva de saúde, o que torna possível relacionar os projetos históricos dominantes e os modelos médicos hegemônicos.<sup>1</sup> Logo, assim como o marxismo, a epidemiologia também possui um método científico baseado nos materiais sociais, econômicos e políticos da sociedade. É possível inferir, portanto, que ambos os autores propõem que a

crítica ao capitalismo e seu combate demandam adequações de acordo com as condições materiais, juntamente à base da teoria marxista.

Marx apresenta a economia como infraestrutura social, conforme o conceito de materialismo dialético.<sup>2</sup> Por sua vez, a saúde estaria incluída na concepção de “superestrutura”, sendo, portanto, uma causa e consequência do modo de produção capitalista. Esta visão se assemelha à análise totalizante e histórica da saúde apresentada por Breilh, que define os modelos epidemiológicos enquanto instrumentos de dominação racional do capitalismo e resultados do retrato produtivo hegemônico da sociedade.<sup>1</sup>

Ambos os autores também criticam o papel do imperialismo de países europeus e dos Estados Unidos da América na relação com países sul-americanos e latino-americanos. Montenegro avalia que a visão marxista clássica situa a luta de classes além das fronteiras, reforçando uma visão internacionalista da mesma e a necessidade de uma análise material de “blocos marxistas” (conjuntos de países, partidos e massas populacionais).<sup>2</sup> Outrossim, Breilh afirma que tendências médicas - a exemplo da medicina científica e comunitária - possuem influências evidentes de países do centro capitalista.<sup>1</sup>

A partir de tais constatações e considerando a necessidade de uma análise do momento atual, pode-se considerar que a saúde brasileira vem sendo construída simultaneamente ao tempo histórico em que o capitalismo é o modelo econômico hegemônico no país.

A construção histórica do processo das políticas de saúde no Brasil se inicia com a omissão completa do Estado em intervir diretamente para garantir saúde aos indivíduos da sociedade. Havia a compreensão de que a sua intervenção deveria ocorrer apenas nos casos em que o próprio indivíduo ou a iniciativa privada não fossem capazes de sanar as questões de saúde da população, resultando em organizações e ações fragmentadas e centralizadas em polos específicos.<sup>9</sup>

Foi a partir do levante das epidemias de febre amarela, varíola, peste bubônica e gripe “espanhola” que afetaram o Brasil no final do século XIX e no século XX, que se iniciou a formação de estruturas do Estado. A função do Estado era garantir uma organização sanitária para controle da transmissão

dessas doenças que, por finalidade, atendia ao projeto capitalista agroexportador que vislumbravam os governos vigentes.<sup>9</sup>

Essa concepção se alinha com a análise de Breilh sobre o período, no qual as ações do Estado para o enfrentamento das epidemias estava alinhado a uma lógica estratificada e unicausal das doenças, da simplificação da apresentação das condições de saúde e do interesse capitalista em manter o mínimo necessário para a manutenção da apropriação do lucro através da mais-valia gerada pelos trabalhadores.<sup>1</sup>

A partir da década de 1930, o Estado concebeu o desenvolvimento da atenção individualizada da saúde do trabalhador, com a criação do Ministério do Trabalho. Nesse mesmo período, a Medicina Previdenciária tomava forma e garantia à algumas categorias de trabalhadores, o acesso à assistência pública em saúde.<sup>9</sup>

Nesse contexto, é importante ressaltar o interesse capitalista na manutenção da força de trabalho produtiva e não como ação de Saúde Pública, visto que a proporção dos gastos federais com assistência médica individual e saúde pública se inverteu nessa época e foi se intensificando a partir dos governos militares golpistas que tomaram o poder em 1964.<sup>9</sup>

Com muita luta e com a criação da sociedade civil organizada, a constituição promulgada em 1.988 tornou a saúde um direito social ao estabelecer um Sistema Único de Saúde (SUS), que possibilitou ampliar o acesso à saúde.<sup>9</sup> A citação abaixo é muito acurada ao expor, sobre uma ótica do tempo presente, a transformação social e do pensamento em Saúde que se construiu com a criação e consolidação do SUS.

“A proposta do SUS está vinculada a uma ideia central: todas as pessoas têm direito à saúde. Este direito está ligado à condição de cidadania. Não depende do “mérito” de pagar previdência social (seguro social meritocrático), nem de provar condição de pobreza (assistência do sistema de proteção), nem do poder aquisitivo (mercado capitalista), muito menos da caridade (filantropia). Com base na concepção de seguridade social, o SUS supõe uma sociedade solidária e democrática, movida por valores de igualdade e de equidade, sem discriminações ou privilégios.”<sup>9f (28)</sup>

Entretanto, devido a crise tripla do capital (sanitária, econômica e ecológica), presenciamos um desmonte do Sistema em prol da apropriação do mercado pelos serviços e equipamentos de saúde. Atualmente, o Estado vem



promulgando leis para incentivar e permitir essa apropriação, deturpando completamente a ideiação do SUS. O conceito de Universalidade vem sendo adulterado e a organização do sistema e da assistência em saúde se direciona para atender apenas os indivíduos que não podem se apropriar de forma capitalista dos serviços de saúde, tornando a saúde uma mercadoria.<sup>10</sup>

O mais recente projeto de depravação do SUS, foi a proposição de um modelo de financiamento irracional da Atenção Primária à Saúde, estratégia no espectro da saúde coletiva consolidada no país e invejada no mundo. Aprovado em 2019 e iniciado em 2020, o programa intitulado “Previne Brasil” pelo governo neofacista Bolsonaro, tinha o objetivo de adotar a “captação ponderada” conforme a quantidade de indivíduos cadastrados nas unidades de saúde, além de outros critérios que, em prática, focalizam a alocação de recursos levando em conta apenas os indivíduos pobres.<sup>10</sup>

Essa estratégia estratifica e restringe a atuação das Unidades Básicas de Saúde por considerar apenas o financiamento relacionado às pessoas que frequentam esses equipamentos, obrigando as equipes de saúde a focar em cadastramentos e produção em contraponto a atenção integral do conjunto territorial das pessoas que esta abrange. Com a erradicação do modelo de transferência de recursos federais em vigência à 22 anos, conhecido como Piso de Atenção Básica Fixo (PAB Fixo), o qual destinava um valor fixo mensal por habitante do município, os serviços de saúde estão mais prejudicados, considerando a escassez dos recursos anteriormente dispostos.<sup>10</sup>

Importante ressaltar que o desfinanciamento global da Saúde foi anteriormente intensificado com a adoção da EC nº 95/2016 a qual congela o gasto público primário por 20 anos, e da manutenção patamar do gasto do Ministério da Saúde em 1,7% do PIB entre 1995 e 2019 para serviços e ações públicas em Saúde.<sup>10</sup>

Dessa forma, cria-se um terreno fértil para a apropriação capitalista do modelo de Atenção Primária à Saúde para ser comercializado como uma mercadoria do capital privado. A privatização de serviços e equipamentos de saúde não é novidade, mas é a partir da consolidação de estratégias como essa que esvaziam a possibilidade real de um Sistema Único de Saúde Universal e

Integral. O Estado vem buscando organizar o sistema de saúde a fim de manter a força de trabalho ativa e cada vez mais em prol do capital fictício.

A crítica explorada por este ensaio demonstra que aspectos conjunturais de países da América Latina tornam a análise marxista inesgotável dentro do contexto hegemônico capitalista. A não abordagem da digitalização da saúde (principalmente no período de pandemia e pós-pandemia de COVID-19), do teto de gastos no contexto da saúde pública brasileira e das diversas formas de privatização em saúde justificam a possibilidade do desenvolvimento deste tema por futuros(as) autores(as) no campo da Economia Política em Saúde.

Em face da compreensão da teoria marxista e suas correntes doutrinárias e da relação entre o capitalismo hegemônico e os modelos epidemiológicos, este ensaio aponta para a necessidade de fortalecimento de sistemas de saúde públicos, universais, gratuitos e de qualidade. No Brasil, isto significa batalhar pelo SUS, já que, mesmo com suas contradições e limitações, este sistema é uma vitória da classe trabalhadora brasileira num contexto neoliberal extremamente desfavorável. Conjuntamente, esta luta não deve se restringir a um único país, devendo se internacionalizar contra os interesses imperialistas.

É importante enfatizar que, mesmo que sistemas como o SUS não sejam elementos isolados de transformação do capitalismo, lutar por sua criação, implementação e fortalecimento é parte essencial da ação política marxista. Isso significa ser contra as propostas que passam por aumento do papel da saúde privada, por uma “cobertura universal à saúde” e por acordos desiguais como sugeridos no consenso de Washington.

A ação política deve, portanto, passar pela união de diversas correntes marxistas a favor de um objetivo em comum, o qual seja uma saúde emancipadora para a classe trabalhadora, que se contraponha aos modelos epidemiológicos científicos, comunitários e ecológicos, contribuindo para a crítica ao modo de produção capitalista. Para esse fim, Montenegro nos brinda com uma última reflexão: *“la controversia sale de los abstractos recintos de la ideología y se traslada a las trincheras de la práctica política que, en caso del marxismo, están situadas en terrenos comunistas”*.<sup>2( 170)</sup>

## Referências Bibliográficas

1. BREILH, Jaime. **Epidemiologia, Economía, Medicina y Política**. México: Fontamara. 1989. p. 71-125;
2. MONTENEGRO, Walter. **Introducción a las doctrinas político-económicas**. México: FCE. 1982. p. 146-170;
3. EcuRed. **Walter Montenegro**. Disponível em: <[https://www.ecured.cu/Walter\\_Montenegro#S.C3.ADntesis\\_biogr.C3.A1fica](https://www.ecured.cu/Walter_Montenegro#S.C3.ADntesis_biogr.C3.A1fica)>. Acesso em 08/07/2023;
4. Fondo de Cultura Económica. **Walter Montenegro**. Disponível em: <<https://fcede.es/site/es/fceespa/autoresdetalle.aspx?idAutor=882>>. Acesso em 08/07/2023;
5. Centro Brasileiro de Estudos de Saúde. **Determinantes Sociais da Saúde: Entrevista com Jaime Breilh**. Disponível em: <<https://cebes.org.br/determinantes-sociais-da-saude-entrevista-com-jaime-breilh/2724/>>. Acesso em 08/07/2023;
6. Scielo. **Entrevista Jaime Breilh**. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/tes/a/Xz8LDQMG3j4kB8z3kVLcynR/?lang=pt>>. Acesso em 08/07/2023;
7. Universidad Andina Simón Bolívar. **Perfil Jaime Breilh Paz y Miño**. Disponível em: <<https://www.uasb.edu.ec/docente/jaime-breilh-paz-y-mino/>>. Acesso em 08/07/2023;
8. SINGER, Paul. **Curso de introdução à economia política**. Rio de Janeiro, 3ª edição, Forense-Universitária. 1975. p. 14-16.
9. PAIM, Jairnilson Silva. **O Que É o SUS**. Rio de Janeiro: Editora FioCruz. 2015. p. 19-65.
10. MENDES Á, Carnut L, Melo M. **Continuum de desmontes da saúde pública na crise do covid-19: o neofascismo de Bolsonaro**. Saude soc [Internet]. 2023;32(1):e210307pt. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-12902022210307pt>. Acesso em 23/07/2023.